

Pablo Pérez Navarro (Org.)

MARGENS DA PANDEMIA

Queerrentenas viadas, boycetas, sapatrans, faveladas

 editora
DEVIRES

MARGENS DA PANDEMIA

Pablo Pérez Navarro (Org.)

Queerrentenas viadas, boycetas, sapatrans, faveladas

Editor(a) | Gilmaro Nogueira

Projeto gráfico | Daniel Rebouças

Imagem da capa | Chris Von Steiner © 2017

Imagem da capa gentilmente cedida por Chris Von Steiner

Conselho Editorial

Prof. Dr. Carlos Henrique Lucas Lima
Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB

Prof. Dr. Djalma Thürler
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Profa. Dra. Fran Demétrio
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Prof. Dr. Helder Thiago Maia
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr. Hilan Bensusan
Universidade de Brasília – UNB

Profa. Dra. Jaqueline Gomes de Jesus
Instituto Federal Rio de Janeiro – IFRJ

Profa. Dra. Joana Azevedo Lima
Devry Brasil – Faculdade Ruy Barbosa

Prof. Dr. João Manuel de Oliveira
CIS-IUL, Instituto Universitário de Lisboa

Profa. Dra. Jussara Carneiro Costa
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Prof. Dr. Leandro Colling
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Guilherme Silva de Almeida
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof. Dr. Marcio Caetano
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Profa. Dra. Maria de Fatima Lima Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Dr. Pablo Pérez Navarro (Universidade de Coimbra – CES/
Portugal e Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG/Brasil)

Prof. Dr. Sergio Luiz Baptista da Silva
Faculdade de Educação / Universidade Federal do Rio de
Janeiro – UFRJ

CIP BRASIL — CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

N322m	Navarro. Pablo Pérez, — Margens da pandemia. Queerrentenas viadas, boycetas, sapatrans, faveladas/Pablo Pérez Navarro (Org.). 1ª edição/ Salvador - BA. Editora Devires, 2021. 228p.; 16x23 cm ISBN 978-65-86481-27-3 1. Diversidade sexual 2. LGBTQ 3. <i>Queer</i> 4. Sexualidade 5. Gênero I. Título.
CDD 308	CDU 308.1-13

Qualquer parte dessa obra pode ser reproduzida, desde que
citada a fonte. Direitos para essa edição cedidos à Editora Devires.

Realização

Editorial Centro de Estudios Sociales de América Latina (CES-AL) Núcleo de Direitos Humanos e
Cidadania LGBT (NUH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)



*Todo os recursos arrecadados com a venda dos livros serão doados a projetos de Pessoas Trans,
pagando apenas os custos de impressão.*

editora
DEVIRES

Av. Ruy Barbosa, 239, sala 104, Centro – Simões Filho – BA
www.editoradevires.com.br

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução	13
Sobre esta edição	23
VÍRUS	
1 - UMA VIDA ENTRE VÍRUS, UMA VIDA ORDINÁRIA <i>Doprá Oilerua</i>	27
2 - DIÁRIO DO VÍRUS <i>Guido Arosa</i>	32
3 - QUAL CURA ESTE MOMENTO ME TRARÁ? <i>Dolly</i>	39
4 - FILHXS DE DILMA <i>Leandro Gantois Luna</i>	42
5 - OS SONS DO TEMPO, O GRITO DO OUTRO <i>Matheus Henrique da Silva Salvino</i> <i>Sônia Caldas Pessoa</i>	48
6 - COVID-19 E HIV: REFLEXÕES DE UM JOVEM NEGRO, GAY E SOROPOSITIVO! <i>Fefa Splendore</i>	54
7 - O CORPO PANDÊMICO DO HIV À COVID-19, MEMÓRIAS DE ATRAVESSAMENTO <i>Ronaldo Serruya</i>	58
8 - POR UM VÍRUS BICHA <i>Murilo Kill</i>	60
PAREDES	
9 - VINTE E TRÊS CENTÍMETROS DE LATTES <i>Sofia Favero</i>	69
10 - ÀS VEZES O ARMÁRIO É A PORRA DE UMA MATRIOSCA <i>Flora Villas Carvalho</i>	74
11 - DISTANCIAMENTO SOCIAL, DISSOCIAÇÃO, DESENHO ANIMADO E DISFORIA DE GÊNERO <i>Lira</i>	81
12 - A UTOPIA DO NORMAL E O IMPACTO DA PANDEMIA NOS CORPOS <i>Beatriz Abreu Gomes</i>	85
13 - ATITULADA <i>Isadora Campos (Dora)</i>	89
14 - MAMÃE, EU TÔ EM LUA-DE-MEL... DO JEITO QUE O DIABO GOSTA <i>Ana Ester Pádua Freire</i>	91
15 - O QUE A COVID-19 QUER DE MIM? <i>Caio Henrique Moura de Almeida</i>	96
16 - O PODER DE UM VÍRUS QUE INVISIBILIZA AINDA MAIS OS INVISÍVEIS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE <i>Carlos Renato Alves da Silva</i>	101
MÁSCARAS	
17 - COR E LIBIDO NUMA TARDE DE ABRIL <i>Olívia Vilas Bôas da Paixão</i>	111
18 - SEXO DE MÁSCARA <i>Gleiton Matheus Bonfante</i>	117

19 - DEFICIÊNCIA E ISOLAMENTO SOCIAL: COMUNICAR-SE COM MASCARADOS
E TOCAR EM PESSOAS E COISAS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19 123
Anahi Guedes de Mello; Camila Alves

20 - RENASCIMENTO 130
Mariana Teixeira

21 - ENTRE LÁ E CÁ, REFLEXÕES DE ROLEZINHOS 134
William Magalhães

22 - PANDEMIA MANICOMIAL 139
Júlia Marques Preto

23 - DENÚNCIAS ESTRONDEADAS SEGUIDAS DE UM MONTE DE ABRAÇOS 143
Ana Ladeira

24 - RELATO EM PLENA PANDEMIA DE UM REENCONTRO [LÉSBICOMEDO] 148
Jessica Tatiane Felizardo

TELAS

25 - LEITE DE MINHAS TETAS 153
A.C. Nicolau

26 - NÃO É SOBRE O TEMPO 157
Shayene Ferreira de Jesus

27 - E HOJE TEM LIVE DA ZELDA 159
Zelda (Danilo Neves)

28 - QUEERENTENA: MASCARÁS, PLÁSTICOS E LUZ ARTIFICIAL 163
Alexandre Luiz Polizel

29 - CORONATENA 168
Mateus Aparecido de Faria

30 - RELAÇÕES INTERROMPIDAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: AS (NOVAS) FORMAS DE ENCONTRO AFETIVO 172
Maurício João Vieira Filho

31 - AO MENOS SEREI REMETENTE 176
LBS

32 - QUARENTENA: UM AGLOMERADO DE ZONAS 182
Suome Matheus Vilela de Lima

PELES

33 - MANIFESTO DE UM CORPO ISOLADO 189
Camila Santos Pereira

34 - O MAIOR (E MAIS GOSTOSO) ÓRGÃO DO CORPO 193
Jonata Vieira

35 - NOSSOS DIAS ENTRE O AMOR E A VIOLÊNCIA 197
Andrea Pech

36 - APENAS MAIS UM 202
Douglas Tomácio

37 - DO MEU CORPO DESCOLONIZADO PARA UM CENÁRIO (CIS) PANDÊMICO 206
Dani Silva

38 - A EXPERIÊNCIA DE UMA BIXA PRETA LITORÂNEA TENTANDO RESPIRAR 212
Anderson Moraes Pires

39 - RAZÃO DE SER 217
Luan Alves do Nascimento ou Alana Estevam

40 - QUANDO O CARNAVAL PASSAR... QUERO VER A QUARTA-FEIRA: SOBRE A PANDEMIA E HISTÓRIAS DE PRETOS/AS 222
Rômulo Lopes da Silva

Audiodescrição da capa: Na parte superior da imagem tem-se pôsteres do tipo lambe-lambe com muitas cores e com desenhos de emojis, de corpos sexo-dissidentes, de grafites. Na parte inferior da imagem tem-se um fundo amarelo com o nome do organizador da obra: Pablo Pérez Navarro, também se tem o título do livro: MARGENS DA PANDEMIA e o subtítulo: Queerrentenas viadas, boycetas, sapatrans, faveladas. Na parte debaixo a logomarca da Editora Devires.

PREFÁCIO

QUEERENTENAS

Equipe Nuh

Antônio Augusto Lemos Rausch

Bárbara Gonçalves Mendes

Júlia Silva Vidal

Marco Aurélio Máximo Prado

Vinício Brígido Santiago Abreu

Queerentena nasceu como um projeto invertido quando mirado através de uma certa perspectiva acadêmica. Não que estudar acadêmica e cientificamente o impacto de uma pandemia em um grupo/comunidade e em experiências diversas seja menos relevante, mas o desafio da **queerentena** é outro. É expor, dispor e impor.

Expor um mundo que talvez jamais ganhasse alguma aparição e visibilidade. Dispor entre os mundos, experiências contadas desde o próprio corpo e do próprio desejo. Impor vozes e discursos aos ouvidos daqueles que seguem considerando que o argumento e o pensamento apenas advêm de determinados latifúndios epistêmicos. Nesse sentido, **queerentena**, além de ser um projeto de inversão com exposição, disposição e imposição, é também, pela sua invertida, um projeto interpelativo.

Ele não interpela necessariamente pelo conteúdo aqui divulgado e trazido agora ao público, mas ele interpela pelos efeitos de seu ato metodológico: propor às pessoas que relatem, elas mesmas, desde as experiências da diversidade dos corpos suas reminiscências, suas relações e seus medos e desejos que se confinaram em períodos de isolamento físico no contexto da pandemia da Covid-19.

A inversão, nesse sentido, é interpelativa pelo seu ato metodológico de encarar o pensamento como um conjunto de relatos de si, como uma série de atos performativos no cotidiano em casas fechadas, apartamentos divididos, quartos

encerrados, albergues disputados. Seja uma corporalidade afastada de todos e todas ou dividindo os espaços, as pessoas relatam suas experiências de isolamento na pandemia atual tendo as dissidências de gênero e sexualidade como um vetor da expressão no mundo ou da expressão do mundo. Nesse sentido, **queerentena** inverte a pergunta. Não é a academia, a universidade ou a equipe de pesquisa quem pergunta sobre o impacto do confinamento físico para a diversidade das identidades e expressões, mas é a universidade que propõe que a pergunta seja feita pelas próprias pessoas e que elas encontrem formas de refletir, escrever, dizer, ouvir e relatar. Essa inversão nos parece fundante de uma posição acadêmica e política que interpela o modo de operação consolidado hegemonicamente nas academias científicas.

Porque coloca em questão quem é o outro, esse sujeito/objeto tão estranho a nós mesmos. Quem é o outro da pesquisa? O outro da escrita? Esse outro que é tão desconhecido e somente acessível pelas lógicas da inteligibilidade determinadas por fronteiras advindas daquela terra caracterizada pelo latifúndio epistemológico que nos apegamos intramuros. Esses latifúndios não são todos iguais — não os confundam. Eles estão muito bem desenhados na direita, na esquerda, na isenção e na empatia acadêmica. Eles estão muito bem erguidos em todas as áreas, pois são latifúndios entre disciplinas também. Esses terrenos cercados por farpas de propriedades próprias das titularidades. Mas alguém poderia nos dizer: “a universidade está se democratizando”. Sim e não!

Sim, quando comparamos dados numéricos médios em uma curva histórica. Há mais diversidade adentrando às universidades brasileiras, isso é um fato numérico. Agora o que essas vidas, experiências e corpos podem nos ensinar, isso é um grande não: não está se democratizando. As academias científicas sempre foram pouco democratizadoras em suas relações cotidianas, seu pilar reprodutivo está calçado na titularidade (seja ela qual for), sua lógica hierárquica inquestionável e sedenta por novos corpos a retrabalhar vem de longe. E no Brasil, as universidades (públicas) nem sequer souberam como se diferenciar da lógica estadocêntrica. Seus muros não serviram para que a autonomia de cátedra (essa antiguidade) ou mesmo a liberdade acadêmica (essa ameaçada) pudessem reinventar políticas democráticas no interior de um sistema de formação, reprodução e invenção de novas gerações. Pelo contrário, o muro tem servido para, ironicamente, expor a todo o mundo quais são os critérios de audibilidade que lá dentro definem quem poderá circular a palavra.

Por isso os latifúndios sempre possuem um nome e um conceito inventado para ser chamado de seu. Seja nos latifúndios mais conservadores onde o outro é um mero objeto abstrato, sem contexto e sem corpo e deverá fornecer algum dado para as inúmeras fórmulas metodológicas, seja nos latifúndios mais cínicos

contemporâneos que o outro é a razão de ser do poder e do olhar da hierarquia do pensamento. Vamos ensiná-los como devem ser, vamos devolver a pesquisa para eles, vamos dialogar com eles e não sobre eles, mas no fundo os proprietários desses terrenos farpados seguem se colocando como os autores de sempre, ainda que com novas roupagens nos títulos e nas capas dos livros.

Queerentena se propôs como um projeto invertido nesse contexto pandêmico. Ele não se pretende um guia de boas práticas, nem um código de condutas éticas. Ao reconhecer que a diversidade encerraria hierarquias do sofrimento e da dor desiguais, **queerentena** não se imbuíu de uma normativa de ética do cuidado, mas sim de uma praticidade do cuidado ético: circule a narrativa de si, invente a si e faça a palavra espriar entre um mundo que não está habituado a escutar, muito menos a ler, quando as não tituladas, nesse ato tão subversivo, incorporam convocadas a escrita de si.

Essa inversão e interpelação do processo altera quase tudo. Muda a exposição, a disposição e a imposição. Não faz jus ao lugar de fala, mas vai com rigor nas falas de determinados lugares, com precisão nas falas de tempos e de espaços próprios. E isso nos parece interpelativo. Não são textos que correspondem ao lugar de fala porque não são legítimos por isso, como se, ao serem escritos pelas pessoas autodeclaradas dissidentes, fossem mais honestos e verdadeiros que outros. Os textos aqui publicados contam sobre tempos, espaços e lugares singulares e, nesse processo, remontam uma universalidade prática, vinculada a uma vida pandêmica (uma vida de um todo) que ganha legitimidade quando não-autores e não-autoras expõem vidas que não são enxergadas, dispõem na hierarquia das vidas uma nova arrumação e impõem por isso um barulho a ser escutado como pensamento e palavra.

É nesse ponto nodal que **queerentena**, na sua despretenciosidade, age de forma politicamente interpelativa. É nesse encontro entre não-autoras/autores, academia e pseudônimos que **queerentena** traz um rompimento na cena pública. Por mais antagônico que possa se apresentar, esse processo disruptivo cria novas cenas que, ao questionar a partilha de espaços, de tempos e de visibilidades, possibilita que corpos, experiências e histórias até então silenciadas emergjam. Somos convidadas na leitura desses textos ao afeto diante de produções narrativas que produzem mudanças na ordem perceptiva da história social. Nesse processo performático, as experiências abjetas passam a ser textos; os sujeitos sem lugar passam a ser autores/autores; seus relatos e produções se vertem em ações políticas. E todas essas produções dinâmicas são endereçadas a todo e qualquer um que se dispuser a encará-las.

Podemos afirmar, assim, que somos atravessadas pelas narrativas de formas diversas. Algumas vezes nos atingem de formas consonantes, por outras, as

dissonâncias nos invadem. Em meio a isso passamos a nos repensar enquanto sujeitos, nas nossas identificações, nas relações e, porque não, nas alianças. Essas duas últimas tão dificultadas, para não dizer escassas, nesse cinicamente intitulado “novo normal pandêmico”.

Esse processo de relatar a si e interpelar o outro, numa relação que se forja em um fazer-ler, traz entre as linhas um novo fazer ético do cuidado que carrega em si dimensões políticas a partir das quais novas formas de entendimento dessas significações do isolamento podem ser partilhadas e (re)elaboradas. E essas tais colocações que vieram em formas diversas de apresentação — cartas, poemas, diários, entre outros — constituem-se em potências transformadoras de ruídos em vozes e deslocam as supostas autorizações para falar e ouvir.

Convidamos você a mergulhar nesses textos, não ‘prendendo sua respiração’ ao tentar analisá-los, explicá-los ou julgá-los na imensidão da sintaxe dominante, mas imergir nas experiências sensíveis de sujeitos, numa relação de horizontalidade com as narrativas, numa lógica de alguma igualdade. A potência do compartilhamento dessas vidas *queerentenas* está na possibilidade de transformar o modo como apreendemos e sentimos. **Queerentena** é um ato de desconstrução e desclassificação que nos afeta e conecta a vidas, experiências, pensamentos, criações. **Queerentena** é palavra e escuta, que se convocam mutua-mente.

INTRODUÇÃO

MARGENS DA QUARENTENA: UMA ASSEMBLEIA INESPERADA

PABLO PÉREZ NAVARRO¹

Sería paradójico que el miedo a la muerte nos hiciera
perder el gusto por la vida.

Néstor Perlongher, *El fantasma del SIDA* (1988)

Não, este não é mais um projeto de pesquisa, nem um estudo coletivo, nem um relatório, nem sequer um livro *sobre* o impacto da pandemia da Covid-19 entre lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais e outras suspeitas habituais no Brasil. De fato, este não é um conjunto de escritos *sobre* nenhuma experiência coletiva da quarentena, partilhada em quaisquer de seus elementos-chave e mais ou menos modulada por variáveis sexuais, de gênero, raciais ou de classe nas formas aqui descritas e apresentadas, prontas para serem reveladas aos seus olhos ou aos de qualquer outro observador externo. Fique esclarecido, portanto, desde o começo, que este “prefácio” não foi inserido aqui para abrir livro nenhum. No máximo, limita-se a te convidar a participar de um encontro, de uma assembleia talvez, que começou lá atrás, na periferia dos grandes focos acadêmicos e midiáticos dos tempos interpandêmicos. Uma assembleia que pode agora continuar, se você quiser, com sua participação.

Não se sinta deslocado por chegar tarde. Você não encontrará aqui mais restrições além das que se pode esperar de quem se incorpora a uma conversa que já tinha sido iniciada – não o foram todas? – antes da sua chegada. Permita-me apenas, para que não se sinta perdida, te colocar a par sobre como chegamos até

¹ Bicha eurobranca e cis-tornada. Tenerife, Belo Horizonte.

aqui. Bem antes de começar, esta assembleia foi concebida de forma aberta (seja bem-vinde) e destinada a ocorrer fora da academia. Ela foi convocada de forma transnacional, quando o editor de uma das duas editoras que tornaram possível a publicação deste livro, a CES-AL, me ligou, *não sei que dia da queerentena*, procurando voluntárias para produzir variações, mutações talvez, de um concurso literário. O objetivo era simples e, pelo que me pareceu, extremamente oportuno: reunir histórias, testemunhos e reflexões em primeira pessoa sobre as quarentenas da pandemia de Covid-19. Nada mais, nada menos.

A *cuirificação* foi rápida, em cumplicidade com o pessoal do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da Universidade Federal de Minas Gerais (NUH-UFMG), aqui em Belo Horizonte. Reuníamo-nos, sim, para falar das nossas *queerentenas*. O NUH acolheu a chamada, acompanhada por uma arte fantástica do Antônio A. L. Rausch, reproduzida na última página deste volume. A partir daí, divulgamos o convite. Preocupado por ficarmos sem *quórum* (quantas pessoas constituem uma assembleia?), copiei e coleí os correios eletrônicos de inúmeros grupos e coletivos, aproveitando, de passagem, para dar um passeio virtual pelas capilarizadas redes de ativismo das dissidentes sexuais, de gênero e relacionais no Brasil. Quase cem *e-mails* só na Bahia? Centenas de coletivos com atuação na área da saúde sexual? As poliafetivas ou as praticantes do BDSM entenderão que isto não é (só) uma assembleia LGBT? A constelação das bichas, locas, viadas e gueis, homoafetivas e até *homossexuais* não demorou a chegar. Sapatonas e lésbicas irromperam, também, com polifônica força. Bissexuais e pansexuais? Presentes. Héteros? Com certeza, a assembleia é mesmo aberta. Inquietação na sala... Mas são todas cis²? De maneira nenhuma. Uma intensa balbúrdia dos gêneros bagunçou, desde o início, os pressupostos binários que subjazem a todas essas categorias. Travestis, transexuais, não-bináries, boycetas³, gêneros fluidos, drag queens, sapatrans, gêneros em questionamento, em trânsito ou, inclusive, em processo de *renascimento*⁴. Sem lugar para dúvidas, nossos gêneros não descansam nem em período de quarentena. Em harmonia, por vezes, e outras em aberto conflito com as múltiplas identidades com que as autoras aqui reunidas se apresentam e entendem (ou não) a si mesmas. Destacam-se, entre as diversas frentes abertas, as

² Etiqueta que muitas das participantes nesta assembleia (entre as quais me incluo) usam, contribuindo para assinalar que “não ser trans” é só uma possibilidade num mar de diferenças.

³ Termo originalmente associado à cena BDSM de São Paulo e que usam algumas pessoas transmasculinas (binárias ou não) com conotações feministas, transviadas, e de afirmação da relação positiva com a própria genitalidade. Ver Roberto Chaska (2020) e Jupi77er (2020).

⁴ Os termos grafados inesperadamente em itálico fazem referência a títulos das histórias reunidas neste volumem; ou bem na edição electrónica (mais ampla) a cargo da Editorial Centro de Estudios Sociales de América Latina (CES-AL).

categorias raciais imprescindíveis para se orientar no contexto pandêmico brasileiro, às que recorrem negras e pretas, indígenas e latinas, mestiças e brancas. Também não faltou a participação poliafetiva, das ativistas surdas e cegas, nem os desafios à gordofobia. Sem esquecer das *Histórias* periféricas e faveladas, acadêmicas e feministas, agnósticas, católicas e macumbeiras, das pobres e das *queers*, chegadas de lugares como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Distrito Federal, Santa Catarina, Espírito Santo, Mato Grosso, Goiás, Pernambuco, Pará e Ceará. Havia também, claro está, *queerentenas* deslocalizadas, nômades, e as que se situaram para além dos limites geográficos do Brasil. No final, para nos encontrarmos nas margens da quarentena brasileira, por que deveríamos levar a sério suas fronteiras?

ENCONTROS NO NEM

Gênero e sexualidade. Por vezes, fazemos (ao menos a mim me acontece, talvez a você também) uma leitura precipitada dessas palavras, como se pudéssemos mesmo saber do que ou de quem elas falam. Ouvimos e corremos, apressades, para completar a imagem: o gênero e a sexualidade... das *elegebetês*. Pode ser que lembremos, inclusive, de acrescentar mentalmente o A das assexuais, o I das intersexo ou, quem sabe, o Q das *queers*, satisfazendo esse impulso classificatório que se torna sempre e ao mesmo tempo insuficiente (porque somos sempre mais) e abrangente de mais (porque faltam sempre as mesmas). Sem pretender, com isso, resolver a equação de quinto grau, esclarecemos às potenciais participantes que a convocatória deveria ser tomada apenas como um ponto de partida, e que não pretendíamos saber, de antemão, a que lugares poderíamos ser levadas por ela. Noutros termos, convidamos a participar qualquer uma que, acrônimos à parte, se sentisse interpelada pela convocatória.

Para complicar ainda mais as coisas, inquietavam-nos algumas intersecções no *nem* (nas margens e nos interstícios, nem dentro nem fora dos domínios de qualquer acrônimo). O que teriam para contar as fetichistas e as *kinks*, quando a cidade inteira parece saída de uma cena *medical fetish*? Você sabia que algumas lojas de roupa fetiche doaram materiais aos profissionais de saúde de Londres face à falta de recursos para garantir a segurança do pessoal das precarizadas redes de saúde pública? Ouviu falar que foi recomendado praticar *sexo de máscara* para mitigar os riscos de contágio da Covid-19 por estudos da Universidade de Harvard, pelos responsáveis das instituições de saúde pública de Nova Iorque e de Toronto e pela Universidade da Geórgia ao seu corpo estudantil? Ou que o Ministério da Saúde da Argentina apresentou alternativas ainda mais seguras, como o uso das

telas dos celulares e computadores como pontos de encontro sexual?⁵. Inclusive lembraram-se da importância de higienizar os brinquedos sexuais após o uso, como se os vírus pudessem aproveitar o furo na abstinência da quarentena para irromper nas relações de cada uma consigo mesma (Página 12, 2020).

Nestas circunstâncias – e sem desmerecer os inusitados esforços das autoridades político-sanitárias por comunicar a sua preocupação sobre esse âmbito específico de contágios (sempre preferíveis a qualquer “e daí?”) –, poderia existir melhor momento para o encontro com àquelas que mais têm avançado na exploração do desejo com e sem contato físico, na abertura de espaços para o sexo virtual, na erotização das superfícies materiais de contato e de separação entre os corpos, começando pelas próprias máscaras e produzindo, enfim, todo tipo de alternativas para a prevenção e a mitigação de riscos? Bem para além dos modestos limites desta assembleia, a troca de saberes *contrassexuais* poderia servir para fortalecer a resistência às formas emergentes de medicalização do campo da sexualidade. Caso contrário – isto é, sem um olhar sexo-positivo em tempos interpandêmicos –, até os nossos mais bem-intencionados esforços poderiam terminar por consolidar a perigosa retórica da abstinência como prevenção com que a atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo de Jair Bolsonaro, Damares Alves, preparou (visionária!) o carnaval de 2020.

E vocês, poliafetivas e não monogâmicas em geral, como vocês estão? É cedo demais para advertir que a Covid-19 pode atingir os nossos imaginários sexuais como já o fez o HIV, estreitando as margens para imaginar outro mundo relacional possível? Sim, bem sei que poliafetividade e promiscuidade podem ser conjuntos disjuntos, mas, nuances à parte, não nos sentimos todas hoje um pouco mais como Dora, uma bissexual poliafetiva isolada no domicílio familiar, “em um bairrozinho pacato de uma cidadezinha patética”⁶? Delgada é a linha que separa a prudente chamada a limitar os encontros sociais fora dos núcleos de coabitação do reforço da unidade familiar como princípio organizador da vida social⁷. Com certeza, as chamadas ao exercício da responsabilidade coletiva revelam-se imprescindíveis num contexto marcado pela vertente negacionista da agenda neoliberal. Ao mesmo tempo, seria extremamente fácil esquecer, nessa luta, o reforço das políticas de higienização moral que os contextos pandêmicos trazem consigo, com o exemplo

⁵ Mas isso sim, com precaução, porque até as imagens poderiam ser partilhadas de forma indesejada e terminar por *viralizar* (Ministerio de Justicia, 2020).

⁶ Ver “Atitulada”, de Isadora Campos, neste volume.

⁷ “Se dois são companhia, três (ou mais) são multidão”, advertia no seu guia de sexo seguro o Departamento de Saúde do estado de Nova Iorque, num bom exemplo do grau de dificuldade a que se pode chegar para dissociar as políticas de prevenção dos velhos ditados da norma monogâmica.

imediatamente do “recrudescimento da violência contra os dissidentes eróticos ao abrigo do fantasma da AIDS”, a que se referia o argentino Néstor Perlongher (1988, p. 68, tradução minha) nos inícios da pandemia do HIV no Brasil.

Quais formas de responsabilidade e cuidado coletivo poderíamos construir, por exemplo, a partir da memória da sucessão de fuzilamentos de travestis do ano 86, que a versão policial relacionava com vingança por contágios, mas que na verdade constituíam — como explica também Perlongher (1988, p.68) —, o lado mais letal da higienização moral do espaço público no contexto pandêmico? Sem pretender antecipar os possíveis efeitos (me desculpa pelo uso retórico do verbo “antecipar”?), é previsível que as narrativas que acompanham a Covid-19 e as medidas para a sua contenção se sedimentem também entre “nós” de formas imprevisíveis. Especialmente quando a sua presença na esfera pública tem alcançado, em apenas alguns meses, cifras que jamais teriam sonhado para si os 30 milhões de mortes totais causadas pelo HIV, nem os 35 milhões de pessoas que convivem hoje com o vírus, nem os dois milhões de novos contágios e as 700.000 mortes evitáveis que provocou só em 2019 (UNAIDS, 2020). Por enquanto, como inquietante amostra, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais denunciou o aumento de quase cinquenta por cento nos assassinatos de travestis durante os primeiros meses de quarentena (ANTRA, 2020). Com toda probabilidade, os motivos para esse aumento se relacionam com o contexto pandêmico, as condições em que se exerce o trabalho sexual e a transfobia estrutural de formas complexas, mas que refletem um recrudescimento da violência inscrita na “nossa” relação com o espaço público. Decretemos, ao menos, o estado de alerta e comecemos a tecer pontes de coalizão e solidariedade nas margens da *cisheteromonormatividade*⁸. Nem que seja porque, quando se trata dos estreitamentos da moral sexual, costumamos pagar todas sem exceção.

ABISMOS E ALIANÇAS

Não é sem motivo que se repete que a Covid-19 não inventou quaisquer desigualdades, mas apenas aprofundou as que já estavam aí. Nessa linha, as autoras aqui reunidas em assembleia proporcionam inesgotáveis exemplos. Você já experimentou estar disponível 24 horas para o *teletrabalho* enquanto tentava não se preocupar em excesso com os hábitos de higiene dos rapazes da República onde foi morar com seu namorado após receber uma ordem de despejo do seu apartamento? Pensou na surpresa de ver a cidade emudecer sob máscaras que lhe

⁸ Sim, a palavra é inventada (não o são todas?) numa tentativa de assinalar a genealogia comum da normatividade de gênero (cis), sexualidade (hetero) e relacional (monogamia). Assim o defendo, ao menos, em *Márgenes de la ley: epifenómenos de violencia biopolítica* (2018).

impedem de ler os lábios de todas as pessoas com que se encontra? E na frieza de uma cidade privada do toque físico para quem, sendo cega, dependia disso como parte fundamental de sua relação com os outros no espaço público? Contestando as narrativas da excepcionalidade, muitas *queerentenas* se limitaram a prolongar ou, no máximo, reescrever a experiência histórica do *corpo isolado* pela precariedade, o capacitismo, o assédio machista, a trans-homofobia, a violência policial e a herança da escravatura.

Pessoalmente – importa-se pela digressão com a própria *queerentena*? –, nunca tive maior consciência do aprofundamento dessas fraturas do que acompanhando as manifestações do movimento negro pelas ruas de Belo Horizonte. Escoltadas pela mesma Polícia Militar de quem exigiam o afastamento, centenas de jovens negras e negros atravessavam as ruas quase desertas ao grito de “parem de nos matar”. O vínculo com o movimento Black Lives Matter era evidente. Ao mesmo tempo, os protestos estavam fortemente ancorados na denúncia dos efeitos locais da violência policial e do racismo estrutural. Uma bandeira, em particular, reunia as fotos de George Floyd e João Pedro Matos Pinto, estudante negro de 14 anos morto durante a quarentena com 72 tiros que a polícia do Rio de Janeiro descarregou na casa onde se encontrava. Não se tratava de um caso isolado, como também não o foi o assassinato por asfixia de Floyd. O corpo de João Pedro somava-se aos outros 177 que perderam a vida, só na cidade do Rio, num mês de abril cuja letalidade da ação policial aumentou em mais de quarenta por cento (ISP, 2020). Ao mesmo tempo, sua morte somava-se à de dezenas de milhares de jovens negros vítimas de mortes violentas (mais de 25.000 só em 2017) sem que estas nunca tivessem sido enxergadas, como lembrava com sombria agudeza a professora Gislene Aparecida dos Santos no início de maio, como parte de um “flagelo social ou de uma hecatombe” (Santos, 2020). Se a essa necropolítica cotidiana acrescentamos a maior vulnerabilidade à Covid-19 provocada pelas iniquidades nas infraestruturas urbanas, pela massificação das racializadas comunidades periféricas, para além da dependência de economias informais e de subsistência, entre outras diferenças raciais inscritas na “nossa” relação com os espaços públicos, poderemos talvez começar a entender até que ponto podem resultar ilegíveis, para as lutas antirracistas, as prudentes chamadas a postergar os protestos até a chegada das vacinas.

A presença das negritudes viadas e das masculinidades sapatão nesses protestos era evidente. Suas falas mostravam, porém, que sua relação com o espaço de protesto devia ser afirmada e defendida, junto com a dos feminismos negros, como acontece em quase qualquer manifestação massiva. Ao mesmo tempo, essa presença implicava, ao meu ver, algumas perguntas iniludíveis para esta assembleia. Quais fraturas o contexto pandêmico teria aprofundado entre “nós”, as dissidentes sexuais e de gênero? Quais abismos físicos e políticos teriam sido

abertos pelas nossas diferentes formas de nos relacionar com os espaços públicos, seja para trabalhar, para paquerar ou para protestar? E, se assim fosse, que tipo de pontes precisaremos atravessar para evitar que os períodos de isolamento físico incrementem a atomização dos “nossos” grupos, coletivos e movimentos sociais? Noutros termos, como reconstruir os projetos de resistência coletiva para sobreviver à nova normalidade? Já me antecipo e esclareço que não pretendo responder aqui a essas perguntas. Gosto de pensar, no entanto, que assembleias como esta, com sua irredutível pluralidade e (por que não o dizer?) desordens internas, apontam para a direção certa. E que esta assembleia não constitui, portanto, um simples *aglomerado de zonas* (existe uma aglomeração que seja, de fato, simples?).

Já disse que este não é um encontro acadêmico? Você que chegou agora mesmo, já sabia do prazer culposo de quem deseja o prolongamento indefinido da quarentena? De quem aproveitou para desfrutar de *uma lua de mel* por longo tempo adiada? E de quem casou, *queerentenu* e se separou no período de isolamento físico? As angústias e os prazeres das “nossas” *queerentenas* não são mais coerentes entre si do que nossos gêneros e nossas sexualidades, apesar de terem sido, completa e irreversivelmente, como a convocatória desta assembleia, atravessadas por ela.

No meu caso – permite que me refira, pela última vez, à minha *queerentena*? –, tive que atravessar o Atlântico para me despedir do meu pai (“pelo menos não é Covid”, foi uma das nossas últimas piadas). Após atravessar aeroportos desertos e voos cheios, após vários testes antes e depois da viagem, após alguns abraços incômodos ou não dados (“você veio do Brasil, não é?”) – e que muito me fizeram lembrar a minha chegada ao Brasil, meses antes, vindo do epicentro pandêmico europeu (“já sofreu muito preconceito por ser espanhol?” perguntou-me, perspicaz, um motorista de Uber) –, despedimo-nos efetivamente dele. Aglomeradas e com a estranha frieza dos rostos cobertos por máscaras cirúrgicas. Significativamente, a última intervenção pública do meu pai, como ativista social, foi para reclamar que se autorizasse uma hora de passeio diário para as pessoas mais velhas durante os meses de confinamento obrigatório. Sua preocupação era que não pudessem recuperar nunca, sendo com frequência portadores de doenças crônicas, o estado físico perdido por causa da inatividade (Pérez Serichol, 2020). Obviamente, foi o seu caso. Assim como o do meu tio, bem mais novo, a quem enterramos no mesmo dia. Paradoxalmente, suas respectivas comorbidades cardiorrespiratórias não interagiram com nenhum vírus, mas com os efeitos dos prolongados confinamentos sustentados por quase um milhão de multas impostas pela chamada lei *da mordança* (herança do governo de direita pela repressão aos protestos sociais), a militarização do espaço público e também pela pressão policial sobre os bairros periféricos, migrantes e racializados.

Poderia ser tentador, perante o luto pelas mortes por Covid-19 no Brasil, deduzir que o antídoto ao negacionismo possa ser encontrado em qualquer tipo de refúgio autoritário. Trata-se, na minha opinião, de uma falsa alternativa. Sem ampliar nossos imaginários políticos, a tentativa de reconstruir a fantasia da segurança perdida poderia nos levar, de fato, a lugares bastante inóspitos. Alguns sabem, por exemplo, da multiplicação das angústias no confinamento obrigatório das presas e dos presos que reproduziram a experiência destas *Histórias da Queerentena* numa unidade prisional do Rio de Janeiro⁹, assim como das pouco sutis diferenças existentes entre as medidas voluntárias de contenção das que nos são simplesmente impostas. Não pretendo sugerir, com essa última comparação, que o balanço entre autogestão e imposição possa ser simplesmente resolvido de uma vez por todas em favor do primeiro termo. Não, ao menos, de forma abstrata e descontextualizada. Gostaria, isso sim, de seguir o caminho interpandêmico aqui apontado para sugerir que a história das lutas *queer* perante a crise do HIV fornece importantes recursos para não cair, ao menos, no extremo oposto. Basta lembrar aqui que estas abriram, em contextos de genocida desídia institucional, espaços de ação coletiva contra a mercantilização do direito à saúde, para o combate das narrativas estigmatizantes e, também, para resistir àquelas respostas penais e policiais em matéria sanitária que terminavam por impactar com especial força nas mesmas comunidades que se pretendia, supostamente, proteger. E que fizeram tudo isso – e muito mais – bagunçando, à sua passagem, a organização identitária dos espaços de encontro para mantê-los abertos a todo tipo de alianças inesperadas.

AGRADECIMENTOS

Só me resta dizer que esta *assembleia inesperada* não teria sido possível sem uma ampla variedade de encontros prévios. É o caso das conversas com José Manuel Castellano Gil, que me envolveram no seu projeto; com Marco Aurélio Máximo Prado, que lhe prestou o seu apoio desde o início; e com Gilmaro Nogueira, a quem agradeço o laço feito com a editora Devires. Estou igualmente grato a João Manuel de Oliveira, pela sua incondicional disponibilidade como júri dos textos enviados; a Sara Wagner York, pela sua atenta contribuição ao júri apesar das dificuldades de visão que a afetaram, justamente, no período de quarentena; e a Carlos Renato Alves da Silva por colaborar, com sua iniciativa, para dar sentido à

⁹ Ver o capítulo “O poder de um vírus que invisibiliza ainda mais os invisíveis em privação de liberdade” de Carlos Renato Alves da Silva, incluído neste volume.

nossa. Agradeço também a Júlia Vidal, Antônio A. L. Rausch, Bárbara Gonçalves, Vinício Brígido pela revisão dos textos e, em geral, a toda a equipe do NUH, pelas sugestões a propósito desta assembleia; assim como a Amanda Alves Arrais de Moraes, pelas audiodescrições que tornaram as imagens acessíveis para as pessoas cegas, e a Luciana Moreira, pelos seus comentários a este pré-texto. A todas e cada uma das que enviaram as suas *Histórias*, obrigado. E ao Gustavo, também, pela paciente companhia nesses dias de luto e *queerentena*.

E você, ainda está conosco? Entre, ocupe o seu próprio espaço, se quiser, entre “nós”. Não espere se dar bem com todas, somos muitas e temos ainda conflitos por resolver. Mas talvez você encontre entre as páginas – quem sabe? – um novo grupo de afinidade.

Belo Horizonte, 15 de setembro de 2020.

REFERÊNCIAS

- ANTRA (2020). Assassinatos de pessoas trans voltam a subir em 2020. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/2020/05/03/assassinatos-de-pessoas-trans-voltam-a-subir-em-2020/>>. Acesso em: 15 set. 2020.
- Chaska, Roberto (5 de fevereiro, 2020), “Sobre as minhas intenções ao criar o termo boyceta”, *Facebook*, Disponível em <https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2657501897679563&id=100002593359798>. Acesso em: 15 set. 2020.
- ISP (2020). Instituto de Segurança Pública divulga dados de abril. Disponível em: <<http://www.isp.rj.gov.br/Noticias.asp?ident=438>>. Acesso em: 15 set. 2020.
- Ministerio de Justicia y Derechos Humanos (2020). ¿Cómo hago para sextar seguro?. Disponível em: <<https://www.argentina.gob.ar/justicia/convoenlaweb/situaciones/como-hago-para-sextar-seguro>>. Acesso em: 15 set. 2020.
- Jupi77er (4 de fevereiro, 2020). “Eu sou “Boyceta” — A validação de um corpo transmasculino NãoBinário”. *Medium*. Disponível em: <<https://medium.com/@JUPI77ER>>. Acesso em: 15 set. 2020.
- Página 12 (17 de abril, 2020). El Ministerio de Salud recomendó el sexo virtual y el sexting ante el coronavirus. Disponível em <<https://www.pagina12.com.ar/260318-el-ministerio-de-salud-recomendo-el-sexo-virtual-y-el-sextin>>. Acesso em: 15 set. 2020.
- Pérez Navarro, Pablo (2018). Márgenes de la ley: epifenómenos de violencia biopolítica, *Cadernos Pagu*, n. 52, p. 68-93.
- Pérez Serichol, Luis (22 de abril, 2020). Una hora para la gente mayor. La casa de mi tía. Disponível em <<http://www.lacasademitia.es/articulo/firmas/hora-gente-mayor-luis-perez-serichol/20200422201116099151.html>>. Acesso em: 15 set. 2020.
- Santos, Aparecida G. (2020). Reflexões em tempos de pandemia, necropolítica e genocídios. Disponível em <https://jornal.usp.br/artigos/reflexoes-em-tempos-de-pandemia-necropolitica-e-genocidios/#_ftn5>. Acesso em: 15 set. 2020.
- UNAIDS (2020). Global HIV & AIDS statistics — 2020 fact sheet. Disponível em <<https://www.unaids.org/en/resources/fact-sheet>>. Acesso em: 15 set. 2020.

